



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Educação

Material Estruturado



SUBSECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL

GERÊNCIA DE CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

7.º Ano | Ensino Fundamental - Anos Finais

- ✓ ESTRATÉGIAS DE LEITURA
- ✓ APRECIÇÃO E RÉPLICA

LÍNGUA PORTUGUESA

DESCRITOR SAEB	DESCRITOR PAEBES	HABILIDADE PRINCIPAL	OBJETO DE CONHECIMENTO DA HABILIDADE PRINCIPAL	EXPECTATIVA DE APRENDIZAGEM DA HABILIDADE PRINCIPAL	HABILIDADE ASSOCIADA	OBJETO DE CONHECIMENTO DA HABILIDADE ASSOCIADA	EXPECTATIVA DE APRENDIZAGEM DA HABILIDADE ASSOCIADA
Analisar elementos constitutivos de textos pertencentes ao domínio literário.	D030_P Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa.	EF67LP28 Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infanto-juvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Estratégias de leitura ✓ Apreciação e réplica 	Ler, de forma autônoma, e compreender, gêneros da esfera literária adequados a esta etapa, selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes, no intuito de expressar avaliação sobre o texto lido e estabelecer preferências por gêneros, temas, autores.	EF69LP53 Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infanto-juvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de audiobooks de textos literários diversos ou de podcasts de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Produção de textos orais ✓ Oralização 	Ler em voz alta textos literários diversos, contar/recontar histórias tanto da tradição oral quanto da tradição literária escrita, gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de audiobooks de textos literários diversos ou de podcasts de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa, como forma de expressividade e apreensão do conteúdo e dos aspectos estéticos dos textos.

Contextualização

Caro(a) Professor(a),

Nas últimas quinzenas, exploramos os textos narrativos novela e romance. Para incentivar a leitura literária em sala de aula, **propomos uma atividade baseada na leitura e discussão de trechos de duas narrativas infantojuvenis**, consideradas obras representativas da literatura infantojuvenil brasileira e que, provavelmente, você já leu ou já ouviu falar. Essa escolha visa enriquecer o diálogo e a compreensão dos dilemas sociais vivenciados pelos personagens. As obras selecionadas são: A Bolsa Amarela, de Lygia Bojunga Nunes, e A Droga da Obediência, de Pedro Bandeira.

Vale ressaltar que, embora tenhamos escolhido trechos das obras, sugerimos que os(as) estudantes sejam incentivados(as) a realizar a leitura integral. O objetivo é usar os trechos como um ponto de entrada, despertando o interesse e o prazer pela literatura. Para isso, organizamos a atividade da seguinte forma:

- Apresentação da proposta e sugestão para preparação.
- Introdução às obras e breve biografia dos autores.
- Leitura do trecho de cada obra.
- Diálogo sobre as leituras, explorando impressões e conexões com outras experiências.



Desejamos um excelente trabalho, professor(a)!

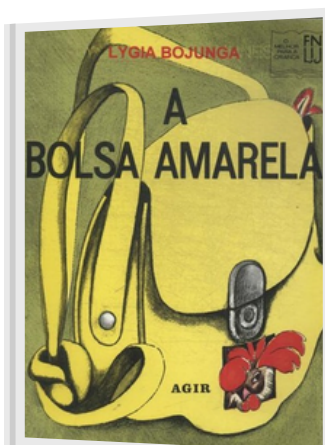
Além disso, temas como a Semana Estadual do Livro e de Incentivo à Leitura (Lei Estadual Nº 11.212/2020) podem ser explorados para conectar os(as) alunos(as) à realidade em que vivem e à temática proposta.

Conceitos e Conteúdos

Iniciaremos as apresentações das obras — ou melhor, dos trechos escolhidos — de duas narrativas que contam as jornadas de adolescentes que incentivaram e incentivam outros jovens a persistirem em seus sonhos. São elas: **A Bolsa Amarela**, de Lygia Bojunga, e **A Droga da Obediência**, de Pedro Bandeira.

A Bolsa Amarela, de Lygia Bojunga

"A Ditadura Militar foi um período no Brasil, entre 1964 e 1985, em que os militares governaram sem eleições e houve muitas restrições à liberdade, com perseguições e censura."



Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Bolsa_Amarela
. Acesso em 25 mar. 2025.

A Bolsa Amarela é um livro infantojuvenil da escritora brasileira Lygia Bojunga. Foi criado originalmente em 1976 e conta a história de Raquel, uma menina de 10 anos que, nos tempos da ditadura militar, se vê impedida de realizar suas três vontades guardadas na bolsa amarela: crescer, ser menino e ser escritora.

Reprimida pela família, Raquel esconde suas vontades em uma bolsa amarela e a partir dela descobre amigos que a ajudam a encontrar um novo jeito de estar no mundo.

Sobre a autora Lygia Bojunga

Lygia Bojunga Nunes nasceu em 26 de agosto de 1932 na cidade de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul. No entanto, ainda criança, mudou com a família para o Rio de Janeiro.

Lygia retrata em suas obras assuntos sérios e delicados, com os quais os pais acabam por ter dificuldade de falar sobre com crianças e jovens. São assuntos como: morte, suicídio, medo de crescer, luta pela sobrevivência, carência afetiva e preconceitos.

A Droga da Obediência, de Pedro Bandeira



A obra é a primeira da série Os Karas e retrata um grupo de cinco estudantes que formam um grupo secreto para investigar crimes. O grupo enfrenta seu primeiro grande caso: alunos de escolas de São Paulo desaparecem misteriosamente, e uma das vítimas é um aluno do colégio Elite, onde estudam os Karas. Numa aventura para descobrir o que está acontecendo, esses cinco adolescentes enfrentam uma ameaça — uma droga que reduz a humanidade à obediência absoluta ao doutor Q.I.

Disponível em:
https://super.abril.com.br/coluna/turma-do-fundao/dica-tdf-8211-a-droga-da-obediencia#google_vignette. Acesso em 25 mar. 2025.

Sobre o autor Pedro Bandeira

Pedro Bandeira, nascido em 1942 em Santos, SP, mudou-se para São Paulo em 1961. Trabalhou no teatro e como redator e ator de comerciais. Em 1972, iniciou sua carreira como escritor com histórias infantis publicadas em revistas. A partir de 1983, passou a se dedicar exclusivamente à escrita, lançando *O Dinossauro que fazia au-au*. Suas obras, voltadas ao público jovem, misturam humor, poesia e um tom contestador, abordando temas que marcam a identidade infantil.

Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2022/03/4991759-escritor-pedro-bandeira-celebra-80-anos-com-live-nesta-quinta-feira-10.html>. Acesso em 25 mar. 2025.

Como já conhecemos um pouco sobre as duas histórias e seus autores, exploraremos trechos desses romances da literatura infantojuvenil brasileira, obras que marcaram gerações e continuam encantando leitores até hoje.



Agora, vamos nos desbruchar sobre um trecho de **A Bolsa Amarela**, de Lygia Bojunga.



Capítulo: A Bolsa Amarela



- 01 Meu irmão chegou em casa com um embrulhão. Gritou da porta:
 – Pacote da tia Brunilda!
 Todo mundo correu, minha irmã falou:
 – Olha como vem coisa.
- 05 Rebentaram o barbante, rasgaram o papel, tudo se espalhou na mesa. Aí foi aquela confusão:
 – O vestido vermelho é meu.
 – Ih, que colar bacana! Vai combinar com o meu **suéter**.
 – Vê se veio alguma camisa do tio Júlio pra mim.
- 10 – Que sapato alinhado, tá com jeito de ser meu número.
 Eu fico boba de ver como a tia Brunilda compra roupa. Compra e enjoa. Enjoa tudo: vestido, bolsa, sapato, blusa. Usa três, quatro vezes e pronto: enjoa. Outro dia eu perguntei:
 – Se ela enjoa tão depressa, pra que ela compra tanto? É pra poder enjoar mais?
 Ninguém me deu bola. [...]
- 15 Não parava de sair coisa do pacote. Minha mãe falou:
 – Que boazinha que é a Brunilda: sabe como a gente vive apertada e cada vez manda mais roupa.
 Eu parei de fazer o dever e fiquei espiando. Vi aparecer uma bolsa; todo mundo pegou, examinou, achou feia e deixou pra lá. Antes, quando chegavam os pacotes da tia Brunilda e não sobrava nada pra mim, eu ficava numa chateação daquelas. E se eu pedi qualquer coisa o pessoal falava logo:
 – Ora Raquel, a tia Brunilda só manda roupa de gente grande, não serve pra você.[...]
 Aí aconteceu uma coisa diferente: de repente sobrou uma coisa pra mim.
 – Toma, Raquel, fica pra você.
- 25 Era a bolsa. Era amarela. Achei isso genial: pra mim amarelo é a cor mais bonita que existe. Mas não era um amarelo sempre igual: às vezes era forte, mas depois ficava fraco; não sei se porque ele já tinha desbotado um pouco, ou porque já nasceu assim mesmo, resolvendo que ser sempre igual é muito chato. [...]
- 30 Não sei o nome da **fazenda** que fez a bolsa amarela. Mas era uma fazenda grossa, e se a gente passava a mão arranhava um pouco.
 Olhei bem de perto e vi os fios da fazenda passando um por cima do outro; mas direitinho; sem fazer bagunça nem nada. Achei legal. Mas o que eu ainda achei mais legal foi ver que a fazenda esticava: “vai dar pra guardar um bocado de coisa aí dentro”.

BOJUNGA, Lygia. A bolsa amarela, 22ª ed, Rio de Janeiro: Agir, 1992.

Glossário

Suéter: agasalho fechado de lã, que se veste pela cabeça.

Fazenda é um termo que pode referir-se a um tecido ou pano, normalmente feito de lã e poliéster. É muito utilizado para confecção de vestuário de inverno, como casacos, saias, vestidos e casacões.



Enquanto a Raquel se encanta ao ganhar a bolsa amarela, ainda na *situação inicial* da história, no capítulo selecionado de **A Droga da Obediência**, de Pedro Bandeira, acontece o grande embate entre o protagonista e o vilão. Assim, percebe-se que a narrativa está no momento de maior tensão, chamado de *clímax*.

Sugerimos em “Materiais Extras” o vídeo do autor Pedro Bandeira realizando a leitura dramatizada deste capítulo. Vale a pena!



Imagem recortada a partir de uma das capas do livro *A Droga da Obediência*. Disponível: <https://mylittlemetaphor.blogspot.com/2015/06/resenha-droga-da-obediencia.html>. Acesso em: 29 mar. 2025.

Capítulo 23: O delírio do Doutor Q.I.

- 01 — Quem é o senhor? Como sabe meu nome?
A voz **metálica** que saía do vídeo parecia divertir-se:
— Ora, ora, ora, Miguel. Eu sei muito mais do que o seu nome!
— Quero sair daqui! O senhor não tem o direito de...
- 05 — Calma, meu caro. Você não está em situação de dizer quais são os meus direitos. Eu só quero conversar com você. Pode me chamar de Doutor Q.I. [...]. Você está na *Pain Control*, Miguel. A mais poderosa indústria farmacêutica do mundo. Você nunca ouviu falar de nós porque atuamos sob os nomes de diferentes empresas. Mas, por trás de todas, comandando todas elas, está a *Pain Control*.
Miguel percebeu que estava no **covil** dos lobos e que falava com o próprio líder da **alcateia**.
- 10 — Não pense que pode fazer comigo o que quiser, Doutor Q.I. Eu tenho amigos que...
— Amigos? — cortou a voz metálica. — Quais? Crânio? Magrí? Calú? Ah, ah, ah!
— O senhor é um demônio! Como sabe esses nomes?
— Ora, mas se foi você mesmo que me contou...
— Eu?! Como?
- 15 — Você se acha muito esperto, não é, Miguel? Pensou que era uma ideia brilhante desaparecer junto com Crânio, Magrí e Calú, não é? Assim ficaria com maior liberdade de movimentos para atrapalhar os nossos planos, não é? Mas será que não lhe ocorreu que você podia enganar a todos, menos a nós? É claro que todo mundo pensou que vocês quatro tinham sido sequestrados. Menos nós! Somente nós sabíamos quem estava ou não em nosso poder. Quando vocês se esconderam, foi como se tivessem mandado uma cartinha para a *Pain Control* dizendo quem eram os garotinhos que andavam fazendo perguntas nos últimos dois dias...
Miguel corou. Tinha cometido um erro. Um erro grave, que tinha exposto todos os Karas ao inimigo!
— Quer dizer que são vocês os sequestradores de estudantes? Uma indústria de medicamentos! E estão usando os meninos como cobaias, certo?
- 25 — Ora, ora! Que esperteza! Como descobriu isso?
— Não interessa como descobri. Eu quero saber é que remédio monstruoso é esse que precisa de jovens saudáveis como cobaias. Um remédio deve servir aos doentes, e não aos saudáveis!
O Doutor Q.I. ficou em silêncio. Parecia pensar. Quando falou novamente, sua voz já não tinha mais o tom de cinismo do início da conversa. Agora ele falava com o entusiasmo de um louco:
- 30 — Você é muito inteligente, Miguel. Inteligente o bastante para perceber a grandeza do nosso projeto. Você já pensou no significado do nome da nossa empresa? Já pensou no que significa *Pain Control*? O nome da nossa corporação quer dizer Controle da Dor! Você imagina o que significa uma organização capaz de controlar a dor da humanidade? Uma organização capaz de determinar quanta dor os habitantes do planeta podem sentir? Nós somos capazes de controlar a duração da vida humana, a qualidade da vida humana. Mexendo com uma simples fórmula química, podemos determinar quantas crianças vão sobreviver em Biafra e quantas devem morrer no Maranhão!
- 35 — Não! — protestou Miguel. — A missão de uma indústria farmacêutica não é essa!
— Você tem razão. A nossa missão é maior. Para a sociedade perfeita que planejamos, não é suficiente controlar a quantidade de doença ou de saúde que regula a humanidade. Não! Nós queremos uma sociedade perfeita como a das formigas, onde cada um conheça o seu lugar e nele permaneça, produzindo aquilo que deve produzir, cumprindo as ordens que deve cumprir!
- 40

— Isso é uma loucura! Isso...

— Foi aí que nós descobrimos a Droga da Obediência. E essa droga maravilhosa vai abrir caminho para o nosso sonho de perfeição: a *Pain Control* vai transformar-se na *Will Control*!

45 O Doutor Q.I. deixou sua declaração fazer efeito e continuou:

— Ah, ah, ah! É claro que você percebeu logo o que vem a ser *Will Control*, não é mesmo? Quer dizer Controle da Vontade! É isso. Já imaginou? Já pensou no que será controlar a vontade e a iniciativa da humanidade? Já imaginou o que será uma sociedade em que nenhuma ordem, nenhuma instrução venha a ser contestada? Não haverá mais prisões, porque os criminosos serão readaptados pela Droga da Obediência. Não haverá mais sofrimento, nem ansiedade, nem loucura, nem dor. Não haverá mais greves, nem passeatas de protesto. Nenhum soldado jamais **desertará** nem se perguntará por que está sendo mandado para a guerra. Obedecerá e pronto! Não será mais necessário suspender uma remessa de vacinas ou de adubos para algum país onde esteja havendo uma revolução. Com a Droga da Obediência, não haverá mais o desejo de fazer revoluções. Porque 50 não haverá mais desejos de espécie alguma. Só o nosso desejo, só a nossa vontade comandando a espécie humana!

Miguel estava **estarecido**. Tinha imaginado uma série de possibilidades para explicar o desaparecimento dos estudantes. Nunca lhe ocorrera, porém, que os propósitos da quadrilha fossem tão diabólicos!

60 — O senhor é um louco! Um louco perigoso! Vocês pretendem destruir a vontade, acabar com os desejos, anular a criatividade dos homens. Será que vocês não percebem que, com isso, estarão destruindo os próprios homens?

— Ora, Miguel, lá está você novamente olhando as coisas por um lado só. Não, meu caro, as coisas são relativas. A verdade tem várias facetas. Procure olhar do nosso lado e verá a maravilha de um mundo de paz, sem conflitos, sem turbulências. Eu sei que você dirá que só existe uma verdade. Nesse caso, procure entender que essa verdade está nas minhas mãos!

65 — Não! A obediência somente leva à repetição de velhos erros. Só o respeito pela liberdade de cada um pode garantir a sobrevivência da humanidade. Só o respeito pelas opiniões divergentes pode garantir o progresso. Só a desobediência modifica o mundo!

70 — O que é isso, Miguel? Que discurso é esse? Será que você se esquece de quem você é? Como líder lá no seu colégio, você não é também um autoritário? Não é você quem não admite que suas decisões sejam contestadas?

— Eu...

75 — Não se envergonhe, meu caro. Você está certo quando não permite que opiniões idiotas prejudiquem a vitória das suas ideias superiores. É por isso que eu quero convidá-lo a unir-se a nós.

— Unir-me a vocês?

80 — Como você já deve ter imaginado, está em nossos planos selecionar uma elite que, é claro, não tomará a Droga da Obediência. Será a elite dos que devem ser obedecidos. A elite dirigente, que dará as ordens, que comandará a humanidade. Você é uma pessoa especial, Miguel. Uma inteligência privilegiada e um líder como poucos. Por isso eu o convido a autocontrolar-se e a assumir o lugar que é seu por direito. Você foi escolhido entre milhões! Venha comigo comandar o mundo!

85 O coração de Miguel disparou dentro do peito. Sua prudência, porém, o aconselhou a controlar-se. Não eram só algumas dezenas de garotos sequestrados que dependiam dele. Agora era o futuro da espécie humana que estava em suas mãos. Ele tinha de ganhar tempo, tinha de representar.

— Eu... não sei... é tudo tão surpreendente!

— Posso imaginar sua surpresa, meu caro rapaz. Nós precisamos de lideranças jovens como a sua. Venha ajudar-nos a construir um novo mundo!

— Um novo mundo...

90 — Você precisa, naturalmente, ver a nossa Droga da Obediência em funcionamento, não é? Muito bem. Você vai ver tudo que precisa. Alguém virá buscá-lo e lhe mostrará os testes que estamos realizando. Por agora, eu me despeço. Voltaremos a falar.

A silhueta apagou-se no vídeo. O garoto estava só. Com todo o peso do mundo sobre os ombros.

Glossário

Metálica: voz aguda, estridente.

Covil: local habitado por animais ferozes, toca.

Alcateia: bando ou grupo de lobos.

Desertará: abandonar, ausentar-se.

Estarrecido: assustado, sem ação, paralisado.




**Roteiro sugerido para a leitura**

A partir da leitura dos trechos das duas obras, convidamos você a refletir sobre dilemas que fazem parte da vida adolescente e que podem render boas discussões.

A Bolsa Amarela, de Lygia Bojunga




No trecho selecionado, a protagonista recebe a bolsa amarela, que é a situação inicial da história. A chegada do embrulho gera confusão, e as reações da família variam entre brincadeiras e desatenção. A protagonista, no entanto, se encanta e rapidamente se apropria do objeto, sinalizando sua importância simbólica. A cor amarela pode representar liberdade e criatividade, antecipando um dos temas centrais do livro: a busca por um espaço próprio para expressar seus desejos e identidade.

A partir da leitura, discuta os seguintes questionamentos:

-  A bolsa pode ser vista como um espaço para guardar sentimentos e desejos. Você sente que os adolescentes precisam de um “espaço próprio” para se expressar?
-  Você já teve um objeto que considerava especial ou que representava algo importante para você?
-  Se você tivesse uma bolsa onde pudesse guardar seus maiores desejos e pensamentos secretos, o que colocaria nela?

A Droga da Obediência, de Pedro Bandeira

Neste capítulo, o Doutor Q.I. revela a Miguel seus planos de usar a "Droga da Obediência" para criar uma sociedade perfeita, controlando a vontade humana e eliminando conflitos. Ele convida Miguel, um líder estudantil influente, a se juntar à elite que comandará essa nova ordem mundial. Miguel, perplexo, questiona a ética da proposta, argumentando que a obediência cega destrói a individualidade e impede o progresso, transformando as pessoas em seres que apenas seguem ordens, sem pensar por si mesmas. O vilão, ao demonstrar o poder da droga, revela que pretende usá-la para manipular as pessoas e alcançar seus objetivos, testando os limites da obediência e do controle. Seguem as indagações que podem ser discutidas:

-  O Doutor Q.I. descreve um mundo sem conflitos e turbulências. Você acha que isso é possível? Quais seriam as consequências da ausência de desafios e discordâncias?
-  Miguel argumenta que a obediência cega leva à repetição de erros e que a desobediência é necessária para a nossa evolução enquanto pessoas. Você concorda?
-  Por que o Doutor Q.I. convida Miguel a se juntar a ele? Quais são as qualidades de Miguel que o tornam atraente?

Material Extra



✓ Livro Didático “Araribá Conecta, Português, 7º ano”, PNLD 2022 do Ensino Fundamental.

Pdf do arquivo disponível em: <https://pnld.moderna.com.br/wp-content/uploads/2023/05/EDIT-Ararib%C3%A1-Conecta-Portugu%C3%AAs-7-ano-.pdf>

Leitura da narrativa “O mestre dos games”, de Afonso Machado, pp. 184-189 (no livro impresso), 282-287 (no pdf).

Vídeo: LEIA COM PEDRO BANDEIRA SEU LIVRO A DROGA DA OBEDIÊNCIA

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QReVK_4Efel



Neste vídeo, Pedro Bandeira, autor de A Droga da Obediência, realiza uma leitura dramatizada do capítulo “O delírio do Doutor Q.I.”, selecionado para a leitura desta semana.



Atividades

Leia o trecho abaixo.

A ILHA PERDIDA



01 Na fazenda do padrinho, perto de Taubaté, onde Vera e Lúcia gostavam de passar as férias, corre o rio Paraíba. Rio imenso, silencioso e de águas barrentas. Ao atravessar a fazenda ele fazia uma grande curva para a direita e desaparecia atrás da mata. Mas, subindo-se ao morro mais alto da fazenda, tornava-se a avistá-lo a uns dois
05 quilômetros de distância e nesse lugar, bem no meio do rio, via-se uma ilha que na fazenda chamavam de «Ilha Perdida». Solitária e verdejante parecia mesmo perdida entre as águas volumosas.

Quico e Oscar, os dois filhos do padrinho, ficavam horas inteiras sentados no alto do morro e conversando a respeito da ilha. Quem viveria lá? Seria habitada? Teria algum
10 bicho escondido na mata? Assim à distância, parecia cheia de mistérios, sob as copas altíssimas das árvores; e as árvores eram tão juntas umas das outras, que davam a impressão de que não se poderia caminhar entre elas. Oscar suspirava e dizia:

— Se algum dia eu puder ver a ilha de perto, vou mesmo.

Quico perguntava.

15 — Não tem medo? E se tiver alguma onça morando lá?

— Onça? Não pode ter. Como é que onça vai parar lá no meio do rio?

— Nadando. Ouvi dizer que onça nada muito bem.

Oscar respondia, pensativo:

— Pode ser. Todos os bichos sabem nadar, só a gente precisa aprender; mas eu
20 queria ver o que há na ilha. Falam tanta coisa...

E ficavam olhando a ilha perdida. Se falavam com o pai, este prometia:

— Quando forem mais velhos, faremos uma excursão à ilha. Arranjaremos canoas apropriadas e iremos até lá.

Os dois meninos chegavam muitas vezes a sonhar com a ilha.

25 Por ocasião de umas férias, justamente em fins de novembro, chegaram à fazenda Henrique e Eduardo, os dois primos mais velhos de Oscar e Quico.

Eram dois meninos de doze e quatorze anos, fortes e valentes. Montavam muito bem e sabiam nadar. Logo nos primeiros dias, percorreram sozinhos grande parte da fazenda; subiram e desceram morros, andaram por toda parte e ao verem o riozinho,
30 onde Vera e Lúcia tinham ido pescar uma vez com padrinho, apelidaram-no de «filhote do Paraíba».

Madrinha avisava:

— Vocês não devem andar tão longe de casa; de repente não sabem mais voltar e perdem-se por aí.

35 Eles riam-se e diziam que não havia perigo; continuavam a dar grandes passeios, e quando ouviam o sino dar badaladas, tratavam de voltar depressa.

No terraço da casa havia um grande sino que padrinho costumava tocar todas as manhãs; dizia que era para acordar os dorminhocos, mas quando Henrique e Eduardo demoravam um pouco mais nas caminhadas, padrinho tocava três badaladas, conforme haviam combinado, e eles já sabiam que deviam regressar. Uma tarde os quatro meninos ficaram no alto do morro olhando a «ilha perdida».

Como seria bom se tivessem uma canoa e pudessem ir ver o que havia na ilha. Eduardo, de espírito mais prático, foi logo dizendo:

— Que pode haver lá? Árvores, cipós, ninhos de passarinhos...

Henrique, com a mão no queixo, olhava pensativo em direção da ilha. Depois disse:

— Vou ver se arranjo uma canoa por aí, nem que seja emprestada ou alugada. Impossível que ninguém tenha uma canoa; eu sei remar, aprendi em Santo Amaro com uns primos.

Os olhos de Quico brilharam de contentamento:

— Você sabe mesmo remar?

Oscar disse uma frase que esfriou o entusiasmo de todos:

— Nem pensem nisso, papai não deixa. Já pedi muitas vezes e ele não deixa.

Continuaram a olhar o rio. Henrique perguntou:

— Por que chamam de Ilha Perdida? Quico explicou:

— Ninguém sabe direito. Decerto porque parece mesmo perdida no meio do rio. Quando viemos para cá, já a chamavam assim. O Bento disse uma vez que morava gente lá, mas não acredito. Acho que é boato, mas os moradores daqui dizem isso.

Os primos ficaram mais interessados:

— Quem mora lá? Será possível? Chame o Bento para perguntar.

Bento era o filho da cozinheira Eufrosina. Quico e Oscar começaram a gritar com toda a força:

— Bento! Oh! Bento! Vem cá!

Ouviram uma voz lá embaixo do morro respondendo:

— Já vou!

Bento estava recolhendo os bezerrinhos do pasto; quando acabou o serviço, subiu o morro bem devagar, cansado, **suarento** e mastigando um capim. Encontrou os quatro meninos sentados no chão e conversando a respeito do rio. Henrique perguntou:

— Bento, você sabe se mora gente naquela ilha? Bento olhou em direção da ilha e coçou a testa:

— Há muito tempo ouvi dizer que morava lá um homem ruim, mas nunca vi nada, não sei se é verdade.

Eduardo levantou-se e chegou mais perto de Bento:

— Você nunca viu mesmo nada? Nem um sinal de que há gente lá?

Bento hesitou, olhou o chão, tirou o capinzinho da boca e falou:

— Pra dizer a verdade, um dia eu vi uma coisa lá... [...]

DUPRÉ, Maria José. A ilha perdida. 41. ed. São Paulo: Ática, 2015. p. 09-12.

Glossário

Decerto: certamente.

Suarento: que tem suor.

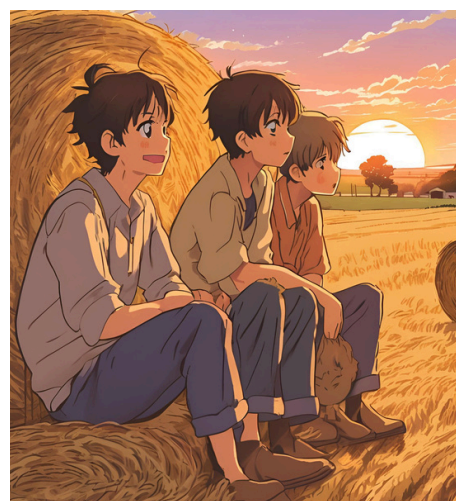


Imagem gerada pelo Canva

ATIVIDADE 1**SAEB - Analisar elementos constitutivos de textos pertencentes ao domínio literário**

Marque a alternativa que melhor expressa uma característica da narrativa lida:

- A) A narrativa é estruturada de forma objetiva, com foco em informações diretas sobre a ilha e suas características geográficas.
- B) O texto utiliza o suspense e o mistério como elementos principais, especialmente ao abordar a ilha e os boatos sobre a sua habitação.
- C) A trama se concentra exclusivamente na descrição da paisagem natural, sem envolver os personagens em situações de conflito ou tensão.
- D) A história se caracteriza por um tom didático e explicativo, com a intenção de ensinar sobre as particularidades do rio Paraíba.

ATIVIDADE 2**D030_P Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa.**

O conflito gerador do enredo está no fato de a história

- A) contar sobre a chegada de novos habitantes à ilha.
- B) mostrar a disputa pela ilha entre os personagens.
- C) expor a busca por aventuras no rio.
- D) narrar o mistério da "Ilha Perdida".

ATIVIDADE 3**SAEB - Analisar elementos constitutivos de textos pertencentes ao domínio literário**

Os personagens demonstram um sentimento que permeia toda a narrativa. Esse sentimento pode ser identificado como

- A) medo do desconhecido, pois a ilha pode representar um perigo inesperado.
- B) frustração e desânimo, pois sabem que nunca conseguirão visitá-la.
- C) curiosidade e aventura, pois desejam descobrir os mistérios da ilha.
- D) indiferença e falta de interesse, pois não se importam com a ilha.

ATIVIDADE 4**D030_P Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa.**

Nesse texto, qual trecho mostra o narrador em terceira pessoa, que observa os personagens?

- A) "Encontrou os quatro meninos sentados no chão e conversando a respeito do rio." (l. 66 e 67)
- B) "Quando forem mais velhos, faremos uma excursão à ilha. Arranjaremos canoas apropriadas e iremos até lá." (l. 22 e 23)
- C) "Você sabe mesmo remar?" (l. 50)
- D) "Vou ver se arranjo uma canoa por aí, nem que seja emprestada ou alugada." (l. 46)

ATIVIDADE 5

SAEB - Analisar elementos constitutivos de textos pertencentes ao domínio literário

Qual é a estratégia narrativa utilizada pelo autor para despertar a curiosidade do leitor sobre a ilha?

- A) O uso de descrições detalhadas e precisas sobre a ilha e seus segredos.
- B) A introdução de um personagem misterioso que revela todos os mistérios da ilha.
- C) A construção de um enigma sobre o que existe na ilha, deixando o leitor curioso.
- D) A repetição de eventos previsíveis, criando uma sensação de suspense constante

Leia o trecho abaixo.

NA ILHA

01 Foi com verdadeira emoção que os dois meninos puseram pé em terra; estavam afinal na célebre ilha. Tudo fora tão fácil, pensou Eduardo, e Henrique era tão bom remador, não deviam arrepende-se da mentira pregada aos padrinhos. Que dia divertido e alegre iriam passar ali! Apressadamente tratou de auxiliar Henrique; a primeira coisa que fez ao tirar as cordas foi cair dentro da água e molhar-se todo. Ficou todo enlameado, mas começou a rir dizendo que tiraria a roupa logo mais e o sol a secaria em dois minutos. Com alguma dificuldade, puxaram a canoa o mais perto possível da terra e amarraram-na a uma árvore próxima com a corda que Nhô Quim lhes havia emprestado. Eduardo lembrou-se:

05 — Vamos amarrar bem forte, Henrique. Se a corda arrebentar, estamos perdidos porque a canoa vai por água abaixo.

10 Dando dois nós, Henrique respondeu:
— Você tem cada ideia... A corda não é tão velha assim, resiste perfeitamente. Veja. Examinaram para ver se a canoa estava bem segura; tiraram o almoço e a garrafa de água e puseram tudo em terra firme. Depois começaram a olhar à volta, e a caminhar explorando o terreno. Havia arbustos e moitas que eles foram cortando com a faca que haviam trazido; as árvores mais altas, já avistadas de longe, ficavam no interior da ilha.

15 Abriam caminho por entre as moitas e foram andando, levavam o almoço e a garrafa de água, mas não pensavam em comer, tão entusiasmados se sentiam. Quando padrinho soubesse, havia de admirar a coragem deles; e Quico e Oscar ficariam com tanta inveja...

20 Foram andando e chegaram a uma clareira no meio da mata. Eduardo propôs:
— Vamos descansar aqui? Minha roupa está tão molhada que gruda no corpo. Resolveram então tirar as calças e estendê-las; o sol que passava por entre os galhos era suficiente para secá-las. Assim fizeram; estenderam as calças e os paletós; depois as camisas, depois os sapatos e as meias. Enquanto esperavam que as roupas secassem,

25 abriram o pacote do almoço e comeram a linguiça com pão e os ovos cozidos. Tomaram água. Henrique resolveu subir na árvore mais alta para ver o que se avistava lá de cima, mas desistiu a meio do tronco e desceu dizendo que preferia esperar a roupa secar; não podia subir só de cuecas porque os galhos machucavam.

30 Esperaram cerca de meia hora, depois vestiram as roupas ainda úmidas e continuaram a exploração. Subiram nas árvores, cortaram cipós, descobriram frutas que nunca haviam visto antes; de vez em quando, Henrique perguntava:
— Será mesmo habitada esta ilha? Vamos ver se encontramos algum sinal de gente.
— Qual o quê! respondia Eduardo. Quem há de morar aqui neste mato? Só bichos.

E trincava uma fruta entre os dentes para ver que gosto tinha; Henrique avisava:

35 — Não coma qualquer fruta, pode ser venenosa...

Por mais que observasse, não encontraram sinal de habitação. Depois de caminhar durante algumas horas, viram **serelepes** pulando nos galhos mais altos; os bichinhos olhavam para os dois meninos com olhos muito vivos, davam grandes pulos e desapareciam entre a folhagem. Eduardo e Henrique acharam graça e começaram a

40 assobiar para chamar a atenção dos serelepes. Às vezes, ouviam o **ruflar** de asas sobre suas cabeças; deviam ser pássaros que, assustados com a presença dos dois, deixavam seus ninhos e voavam.

Mais adiante encontraram uma frutinha vermelha e redonda; começaram a atirá-las para cima a fim de atrair os serelepes; de vez em quando gritavam para ver o que acontecia.

45 Não acontecia nada; parece que os bichos ficavam com medo ao ouvir os gritos e o silêncio então era profundo, nada se movia entre as folhas. Eduardo carregava a garrafa com água e os restos do almoço; encontraram uma nascente e a água era tão pura que tornaram a encher a garrafa. Quando cansaram de andar, Henrique propôs:

50 — Vamos voltar ao lugar onde deixamos a canoa? Acho que já é hora de voltarmos para casa.

— É pena ter de voltar, respondeu Eduardo. Está tão bonito o nosso passeio; por mim, ficaria mais tempo.

Henrique tornou a falar:

55 — Pode ficar tarde demais, Eduardo. Estamos longe do lugar onde desembarcamos; andamos mais de uma hora sem parar.

— Então vamos voltar. [...]

DUPRÉ, Maria José. A ilha perdida. 41. ed. São Paulo: Ática, 2015. p. 23-26.

Glossário

Ruflar: mover-se, agitar-se.

Suarento: que tem suor.

Serelepes: esquilo florestal nativo da América do Sul.



Imagem gerada pelo Canva

ATIVIDADE 6

SAEB - Analisar elementos constitutivos de textos pertencentes ao domínio literário.

Sobre o texto lido, é correto afirmar que:

- A) O espaço da narrativa se limita à praia onde os meninos chegam, sem explorar outros locais da ilha.
- B) O narrador está em terceira pessoa, revelando ações e sentimentos dos personagens.
- C) O tempo da história é desorganizado e os eventos acontecem fora de ordem, sem lógica temporal.
- D) O conflito central do texto é a busca por um tesouro, que motiva a aventura dos meninos.

ATIVIDADE 7

D030_P Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa.

O conflito gerador do enredo dessa narrativa é

- A) a confiança sobre a canoa estar bem presa a uma árvore.
- B) o medo de encontrar um animal perigoso na ilha.
- C) a dificuldade em encontrar comida e água durante o passeio.
- D) o desafio de explorar uma ilha desconhecida e o risco de se perder.



Referências

Material do Redator:

BANDEIRA, Pedro. **A droga da obediência**. 5. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2014.

BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela**, 22ª ed, Rio de Janeiro: Agir, 1992.

BOJUNGA, Lygia. **Biografia de Lygia Bojunga**. Disponível em: <https://ciadoslivros.com.br/biografia-de-lygia-bojunga/>. Acesso em: 26 mar. 2025.

BOLSA AMARELA. **A Bolsa Amarela**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Bolsa_Amarela. Acesso em: 26 mar. 2025.

BANEIRA, Pedro. **A Droga da Obediência**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Droga_da_Obedi%C3%Aancia. Acesso em: 26 mar. 2025.

CORREIO BRASILIENSE. **Escritor Pedro Bandeira celebra 80 anos com live nesta quinta-feira** (10). Correio Braziliense, 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2022/03/4991759-escritor-pedro-bandeira-celebra-80-anos-com-live-nesta-quinta-feira-10.html>. Acesso em: 26 mar. 2025.

UNIVERSITAT DE BARCELONA; REPÚBLICA PORTUGUESA. **Tertúlias dialógicas**: formação em comunidades de aprendizagem. CREA, 2020.

Conjunto de Questões - Elaborador:

DUPRÉ, Maria José. **A ilha perdida**. 41. ed. São Paulo: Ática, 2015. p. 09-12.

DUPRÉ, Maria José. **A ilha perdida**. 41. ed. São Paulo: Ática, 2015. p. 23-26.

